A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Mais um anno que passou. Mais uma ruga e um cabello branco que nos ficam.

1884 morreu como tinha vivido, cholerico e tristonho. 1885 nasceu como nascera aquelle: pallido, anemico, sombrio e agoirento.

Póde haver por ahi alguem que sinta saudades do anno morto? Não creio. Saudades provoca-as quem foi grande e bom, clemente e justo; inspira-as quem viveu sem praticar erros e villezas, exemplificando a moral, a caridade, o bom senso e a justiça. Tem jus a bençãos sobre a campa e a menções honrosas na historia o que morreu legando coisas uteis á humanidade.

Ora não me consta que o fallecido 84 nos tenha legado alguma d'essas coisas, ao findar a sua existencia ingloria de 366 longos dias.

Na politica deu-nos o desencadear de mil paixões ruins; um embate constante de egoismos, de rancores, d'odios intensos, d'invejas liliputianas, de aspirações incommensuraveis e injustificadas, de insoffrimentos ridiculos; um acervo de luctas demolidoras, d'injurias reciprocas, de calumnias vilans; uma tempestade cruenta de recriminações e doestos, de diatribes e insultos.

Foi isto, pouco mais ou menos, o que aquelle dementado nos deu na politica, uma politica atrabiliaria e improductiva, sem concatenação nem ordem nem tino.

No romance, quasi nada.

No livro de sciencia, idem.

No jornalismo, o mesmo que na politica: O insulto a substituir o bom argumento persuasivo; o arrocho a fazer as vezes de penna.

Cresceu o numero de jornaes para que o numero de polemistas sem escrupulos avultasse com elle. Crearam-se mais folhas periodicas para que isto tudo se desmoralisasse mais depressa. Nenhuma das que vieram teve forças para fugir á tentação. Filiaram-se todas na mesma escola pervertedora da affronta, da insidia, do ultraje, n'essa escola desgraçadamente vazia d'intuitos generosos e de idéas alevantadas, onde impera a malquerença, onde pullulam tantas invejas torpes, onde se esmagam e definham tantas crenças nobilissimas.

Nas artes, deu-nos um pallido arremedo do que se faz lá fóra. Incapazes de produzir, copiamos systematicamente, mas a copia fica-nos sempre incorrecta, sem vida, sem colorido. Em pintura exhibio-nos umas simples tentativas. Em musica, umas imitações vulgares. Em esculptura, coisa nenhuma, ou pouco menos que isso.

QUINTA DE BELLAS

No theatro, apresentou nos tres ou quatro originaes, quando muito, e mil traducções desgraçadas de peças francezas, das que em Paris se arremessam para o barril do lixo da banalidade insulsa. Quer isto dizer que faltem talentos capazes de produzir, cada anno, maior numero d'originaes portuguezes? Não. O que ahi falta é o bom senso da critica. O que não ha é a protecção das emprezas theatraes para o escriptor que se abalança a uma tentativa d'aquelle genero. Os nossos criticos de polpa, os proprios que irrompem em exclamações prudhommescas a proposito da escassez de peças originaes, atiraram-se agora á *Chilena* como S. Thiago aos moiros, e atiram-se a tudo quanto seja original, por vicio, por habito, por feitio, pode ser até que por manifesta incapacidade de produzir *Chilenas*.

Pelo seu lado as emprezas, reputando mais em conta as traducções mascavadas, deitam-se nos braços dos traductores de fancaria, e acham que não vale a pena proteger a litteratura nacional.

D'ahi, o esmorecimento d'Antonio Ennes, o descontentamento de Fernando Caldeira, o perpassar rapido dos *Lazaristas* e das *Mantilhas de renda*, o reinado, sem competencia, das comedias imbecis que os francezes exportam.

D'ahi, finalmente, o estado de vergonhoso abatimento a que chegou o nosso theatro no anno defuncto.

Houve, em tempo, uns peregrinos que faziam voto de ir até Jerusalem, dando dois passos para a frente e um para traz.

A litteratura dramatica nacional é um arremedo d'esses peregrinos, mas ha, entre ella e elles, uma pequena differença: em vez de dar um passo para traz e dois para diante, a referida litteratura dá só um para diante e dois para traz.

Os optimistas, os que sympathisaram com o anno extincto, veem, por certo, dizer-nos que não tivemos o cholera.

Tambem, era melhor matarem-nos, darem logo cabo de tudo isto n'um abrir e fechar d'olhos.

Não tivemos o cholera, Deus louvado, mas soffremos o susto, que já não é pouco. Houve mesmo quem morresse de medo.

Os hespanhoes, diga-se a verdade, levaram-nos a palma em assumptos de epidemia cholerica, como hoje ainda nol-a estão levando em força e numero dos tremores de terra que lhes desmoronam as povoações.

O cholera dizimou-lhes a população d'Alicante. Os abalos terrestres arrasam-lhes a formosa Granada, arruinam-lhes trezentos edificios em Malaga, semeiam o pannico em Nerja, destroem Ijagena, levam o luto, a desolação, a miseria e a morte a milhares de familias.

Nós, um pouco mais felizes, tivemos apenas o receio da epidemia, e um simulacro de tremor de terra, que não produziu estragos.

Se ambos os flagellos se lembrassem de exercer aqui as suas raivas devastadoras, adeus patria de Camões.

A Hespanha tem população de sobra para fazer face ás furias implacaveis da peste e do terremoto.

Pode muito bem ser até que estas calamidades por que vae passando sejam providenciaes para ella e para nós.

Quem sabe!...

E poderá ainda haver alguem, dentro e fóra do paiz, que morra d'amores pelo 84 fugitivo, que lhe vote uma lembrança, que lhe consagre uma saudade? Duvidamol-o.

A nós arrebatou-nos amigos e companheiros que prezavamos; dedicações sinceras cuja perda deploramos ainda. Trouxe-nos desenganos cruelissimos. Vibrou nos golpes tremendos, pela mão negra e desapiedada da adversidade.

Aos nossos visinhos hespanhoes levou o horror dos pronunciamentos; as discordias politicas; as sangrentas revoltas da mocidade academica; o flagello que assolára a Italia e a França; as convulsões do solo, que transformam em ruinas cidades formosas, cheias de vida e de movimento.

A França, onde as artes tambem esmorecem, as industrias definham, o theatro decahe a olhos vistos, e a moralidade é uma palavra riscada dos diccionarios, vê-se a braços com assustadoras crises politicas, economicas e financeiras; faz penosamente a guerra na China e no Tonkin, uma guerra cruenta e interminavel, onde malbarata dinheiro e vidas sem conto.

A Inglaterra vê ir-se eclipsando o seu enorme poderio d'antigas eras; não leva a melhor no Egypto, com os fanaticos sectarios do Mahdi, e lucta em vão contra a dynamite dos fenianos.

A Russia é esmagada pelo nihilismo invisivel, que condemna e mata summariamente.

Por toda a parte a desgraça e o luto, a furia dos elementos, da peste, da politica, do fanatismo, da rebellião e da guerra, devastando a pobre humanidade, provocando lagrimas, atiçando odios, abrindo sepulturas.

E, se ao menos, podessemos alimentar uma vaga e doce esperança de melhores tempos.. Se o nascente 85 viesse desfolhar um *bouquet* de sorrisos e de flores perante os nossos olhos onde tantas imagens sinistras se tratam ainda...

Mas não. O mofino nasce sombrio e triste.. Inicia-se por tempestades e incendios. Começa por nos enviar prantos do ceu, e acabará enviando-nos festas como as de agora, pallidas e frias, sem enthusiasmos nem brindes expansivos, sem alegrias ruidosas nem explosões de sincero e intenso regosijo.

Foram essas as que eu tive, as que tu mesmo tiveste, leitor carissimo. Suppor-te outras, nos tempos d'insipidez e de negra semsaboria que vão correndo, seria imaginar o ceu na terra, o paraizo na Baixa, o ideal n'uma agua-furtada sem luz.

Desculpa-me, pois, se te não endereço os comprimentos banaes do estylo, ao despontar d'este novo anno. Não m'os endereces tu tambem, e ficaremos quites. Desejar boas festas a quem não as teve, é uma irrisão, chega mesmo a ser uma affronta.

=No meio d'esta funda tristeza elegiaca, sabes tu o que ainda nos vale? E' S. Carlos, é a Devriés portentosa, é a encantadora Novelli com o seu *embonpoint* fresco e adoravel; é a sympathica Borelli com a sua voz crystallina d'emissão purissima; são os deslumbramentos da *Aida*, as promessas risonhas do *Rigoletto*, o extraordinario desempenho do *Hamlet*, as seducções do *Guilherme Tell*.

O *Guilherme Tell*.. Faz-me saudades esta opera, saudades d'uma rapariga italiana de rara belleza, que ali se nos exhibiu bailando graciosamente, e que a voragem do tumulo acaba de tragar sem pena.

Passou como um meteoro pelo tablado de S. Carlos. Sei que era encantadora, mas não posso traçar-lhe o perfil de memoria. Só posso votar-lhe a saudade que nos inspira tudo quanto é infeliz e bello. Só me é dado inscrever na chronica o seu nome talvez esquecido por todos quantos a admiraram uma noite:—Josephina Baetta.

A esta fascinadora artista, que, ao invez de Fanny Essler, não teve quem lhe consagrasse necrologios, podem applicar-se bem os dois versos seguintes, imitados de Lafontaine:

> Elle avait, en naissant, reçu de Terpsichore,
> Les dons qu'à ses élus cette Muse a promis!

Apesar d'esses dons, e da sua gentileza radiosissima, foi uma desgraçada: morreu quasi ao desamparo, affastando da hedionda doença, que a prostrou, admiradores e amigos.

Ha pouco apparecia-nos risonha, com o collo constellado de diamantes, que lembravam raios de luz sobre um corpo de deusa. Hoje é apenas um cadaver denegrido e asqueroso, coberto de podridões e de vermes.

Pobre Josephina!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

I

O titulo que damos a esta serie de artigos era o que melhor caberia, parece-nos, aos tres excellentes volumes, com que o sr. Gomes de Amorim acaba de enriquecer a litteratura contemporanea. Não o tiveram talvez, porque o plano primitivo da obra se foi ampliando á medida que o seu auctor a foi escrevendo, de forma que, tendo principiado realmente com o caracter exclusivo de uma minuciosa biographia, afinal houvesse tomado o caracter de um estudo amplo da sociedade em que Garrett floresceu e brilhou.

Começa a obra effectivamente por se emmaranhar n'um dedalo de investigações genealogicas, um pouco dispensaveis talvez, e, como tanto terei que louvar em obra tão proveitosa e tão notavelmente architectada, começarei tambem por fazer uma censurasinha preliminar. Porque é que o sr. Gomes de Amorim se obstina, com um *encarniçamento* (perdôe o gallicismo) extraordinario em demonstrar até á saciedade que Garrett blasonava de fidalgo sem o ser, e levou toda a sua vida a disfarçar a edade que tinha? E tanto mais curiosa é essa insistencia, da parte de um escriptor tão sinceramente affeiçoado ao seu heroe, quanto afinal de contas está longe de ficar demonstrado plenamente que não corresse nas veias do grande poeta o sangue aristocratico dos Garrets da Irlanda! O que se mostra simplesmente é que, apesar das mais activas diligencias do biographo, não lhe foi possivel encontrar documento por onde se averiguasse a filiação de Antonia Margarida Garrett. Ora não valia a pena tratar tão rudemente, por um desejo exaggerado de mostrar imparcialidade, as pretenções aristocraticas do poeta sem ter a certeza absoluta de que ellas fossem de todo o ponto despidas de fundamento.

Tambem nos causa desagradavel impressão a insistencia em pôr em relevo a fraqueza de Garrett, que desejava passar sempre por mais novo do que era. Bastava indical-a uma vez, e não valia a pena repetir a observação. E' que estas insignificantissimas coisas dão um ar estranho de hostilidade a um estudo, que é aliás inspirado pelos mais ardentes sentimentos de veneração e de enthusiasmo.

A mim, que tive sempre por Almeida Garrett, desde criança,

desde que principiei a lêl-o, o culto mais apaixonado que a um homem de letras se póde tributar, é-me devéras agradavel entrar com o sr. Gomes de Amorim na intimidade d'aquelle grande espirito, e seguir passo a passo a sua educação e o seu precoce desenvolvimento. Nascido no Porto em 1799, n'uma casa da rua do Calvario, casa que ainda hoje existe, passou comtudo uma boa parte da sua infancia em duas quintas dos arredores da cidade—a quinta do Castello e a do Sardão. A primeira tinha por guarda a velha Brigida, a segunda a mulata Rosa de Lima. Qual é o leitor de Garrett que não conhece estes dois nomes? os nomes das duas velhas criadas, que lhe semearam no espirito a paixão pelas trovas populares, pelos contos de fadas, pelas tradições nacionaes! A educação classica, que lhe foi dada por uns tios, o famoso bispo de Angra, e José Carlos Leitão, deteve por algum tempo estas recordações infantis: mas quando o espirito de Garrett, na emigração, se começou a namorar da musa romantica que elle foi encontrar em Inglaterra, donosa e melancholica, a mirar no espelho crystallino dos lagos a pallida fronte tomada de violetas e de goivos, as lembranças d'esses cantos populares tão queridos da sua infancia acudiram em chusma á sua memoria, e percebeu logo, por uma rapida intuição, que lhe brotava em jorros d'essas reminiscencias queridas a verdadeira Castalia de uma nova poesia. Quando a velha Brigida, julgando ter adormecido com as suas historias os seus queridos pequenos, via os olhos do Joãosito muito abertos a cravarem-se nos seus, avidos de maravilhoso, não suppunha que lhe ia dever, a esse gentil curioso, a immortalidade como chronista-mór de encantamentos, e quando a boa da mulata allegava ingenuamente que a alma do seu querido amo não voltára ao mundo, porque se não iria de certo sem apparecer á sua fiel serva, não imaginava tambem que essas palavras, postas na bocca de um dos personagens de *Fr. Luiz de Sousa*, fariam correr nas platéas um calafrio de enthusiastica admiração.

A invasão franceza obrigou a familia de Garrett a abandonar o Porto e a refugiar-se primeiro em Lisboa, e depois na ilha Terceira, e ahi vão actuar novas influencias no espirito do futuro poeta. Como nos foi dado conhecer de perto a boa Brigida e a Rosa de Lima que entreviramos nas notas do *Romanceiro*, vamos conviver agora com o erudito bispo, que inspirou a Garrett um profundo respeito pelos classicos, que lhe formou o gosto litterario, com José Carlos Leitão que desempenhou até certo ponto na infancia de Garrett o papel que na infancia de Lamartine desempenhou aquelle velho poeta classico, todo apurado e correcto, de que o grande poeta francez nos falla no prologo das *Meditações*. Costumou-o tambem a encantar-se com a fórma compassada do metro bocagiano, a enamorar-se dos sonoros hendecasyllabos, a considerar um poeta como um ente magestoso que constituiu desde então o ideal das suas aspirações de criança.

Vê-se pelo livro do sr. Gomes de Amorim que Garrett foi tambem uma criança precoce, e que a sua infancia podia figurar no livro da *Bibliothèque Rose*, intitulado *Infancias celebres*. Umas bulhas que teve com o seu mestre de latim inspiraram-lhe a primeira composição poetica da sua vida—uma satyra nem mais nem menos. Garrett parece que julgou até por algum tempo que seria essa a sua vocação especial.

Mas a aventura mais original da infancia de Garrett é sem duvida a do sermão prégado por elle na ilha Graciosa. Fôra ali visitar seu tio, José Carlos Leitão, e, como se destinava ao estado ecclesiastico, e era já minorista, suppomos nós, levava as suas vestes talares. Antes de ir para casa do tio, encontrou-se com o juiz de uma irmandade, que andava muito atrapalhado por lhe faltar o prégador com quem contava para o sermão do orago da sua freguezia.

—Quer o senhor que eu prégue? diz-lhe o poeta adolescente.

—Ora! o menino póde lá!

—Posso, sim senhor, olhe que eu sou sobrinho do bispo!

—Ah! isso é outro caso! mas...

—Qual mas nem meio mas! Lembre-se que eu prego de graça.

O argumento foi decisivo. Era o *sem dote* de Harpagão.

Acceite a offerta, aqui temos nós o nosso rapazelho a caminho do pulpito. Quando subiu, e se achou em presença da massa dos fieis, confessava Garrett depois que se sentira um pouco atrapalhado; mas já não havia meio de recuar sem ridiculo. Tratava-se de morrer ou de vencer. Superadas as primeiras hesitações, assenhoreou-se do assumpto e elle ahi vae. O futuro orador da Constituinte de 37, o famoso discursador de Porto Pireu estreiou-se na Graciosa de um modo digno dos seus futuros triumphos. O povo fez-lhe uma ovação, andava no arraial atraz d'elle a victorial-o, e Garrett saboreou assim pela primeira vez as alegrias da popularidade.

Quem ficou a um tempo surprehendido, enthusiasmado e irritado com a noticia foi o tio José Carlos. Homem de bom senso, viu em primeiro logar que esta rapaziada podia ser desagradavel ao bispo, o qual poderia ser obrigado a punir o sobrinho, que assim brincava com as coisas a que um prelado maior obrigação tinha de manter severamente o seu caracter de seriedade. Depois enthusiasmou-se com o talento do rapazote, mas disse, abanando a cabeça:

—E' uma pena que este rapaz venha a ser padre!

—Pena! pois se elle já préga tão bem! diziam-lhe.

—Por isso mesmo! redarguiu o sensatissimo conego.

Tinha rasão. Nas vesperas da revolução de 1820 não era a Egreja o campo em que mais podia brilhar o talento de Garrett. José Carlos Leitão percebia que as transformações introduzidas nas sociedades modernas pela grande revolução franceza não podiam deixar de estender-se a Portugal, e que no campo livre e aberto do fôro e da tribuna é que as potentes faculdades de João Baptista mais facilmente poderiam manifestar-se. Por isso José Carlos Leitão insistiu muito com o bispo para que consentisse em que João Baptista deixasse a carreira ecclesiastica e partisse para o reino a formar-se em leis em Coimbra. Assim se decidiu, e em 1816 o juvenil poeta regressava ao continente. Diz-se tambem que a noticia de uns amores juvenis, em que andava Garrett enleado, não foi estranha a condescendencia do bispo D. Alexandre. E' bem possivel, porque foi esse sempre o elemento essencial da vida do poeta.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CASAMENTOS NA CORÉA

A ceremonia do casamento na Coréa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a ceremonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido. Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Feita esta *toilette*, sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversos cores. Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando, no trajecto, danças originalissimas. O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquim e offerece varias golozeimas ás suas companheiras.

Ao transpor os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam canções monotonas. Findos os descantes, acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos, e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto. Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despejam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcova nupcial, onde fica encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lhes levam os alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recem-casada abandona o tecto conjugal e volta ao lar paterno, onde permanece durante cem dias e cem noites. Quando este praso expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que, passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo. Arrependeu-se.

X.

ESPLENDIDA

E' esplendida! Tem negros os cabellos,
como a noite das almas condemnadas;
a altivez das mulheres diademadas,
de antigas castellãs em seus castellos...

Quando, na egreja fita os olhos bellos
do seu missal nas paginas lavradas,
fremem na sombra, estaticos de vel-os,
do austero templo as gothicas arcadas...

De noite, no conchego dos seus ninhos
pipilam docemente os passarinhos
se o rosto assoma aos vidros da janella.

Quando passa na rua, as creancinhas
ajoelham no chão pondo as mãosinhas
murmuram, supplicando, o nome d'ella.

J. DE SOUSA MONTEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUINTA DE BELLAS

A nossa gravura representa a entrada da formosa quinta dos srs. marquezes de Bellas e conde de Pombeiro, na villa de Bellas.

Esta magnifica propriedade, junta ao sumptuoso palacio d'a-

A DESPEDIDA (Quadro de Moritz Röbbecke

UMA ELEGANTE

(Quadro de K. Wunnenberg)

COM A LUNETA DO PAE (Quadro de Gabriel Schachinger)

quella illustre familia, constitue uma das mais ricas vivendas de Portugal.

A quinta, que em 1318 pertencia a Gonçalo Annes Correia, coube por herança, em 1348, a Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de D. Ignez de Castro. Annos depois ficou sendo propriedade real. D. Pedro I foi quem mandou construir o palacio.

Por sua morte, palacio e quinta passaram de novo ás mãos de Diogo Lopes; mas como este foi banido do reino, D. João I de Portugal offereceu a bella vivenda, com o senhorio de Bellas, ao seu conselheiro Gonçalo Pires Malafaia, como premio de fidelidade e serviços relevantes.

Morrendo Gonçalo Pires, o mesmo soberano D. João I comprou a quinta aos seus herdeiros e deu-a ao infante D. João.

Passando pelas mãos d'outros possuidores, taes como a infante D. Beatriz, que reedificou o palacio, Rodrigo Affonso d'Albergaria, e D. Maria da Silva, casada com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro, a formosa vivenda tornou-se propriedade da familia Pombeiro.

Hoje é seu possuidor o sr. D. Antonio de Castello Branco, 9.º conde de Pombeiro e actual marquez de Bellas.

Ha, na quinta, uma cascata magestosa e uma bella estatua de Neptuno, do celebre esculptor Bernini.

Parte da quinta é montanhosa. No cume d'um dos seus montes ergue-se a linda capella do Senhor da Serra, d'onde se gosa uma deliciosa vista.

A DESPEDIDA

Serão dois irmãos, dois amigos d'infancia que se despedem? Aquelle adeus, trocado entre caricias e lagrimas, denunciará a existencia d'um affecto fraternal santo e puro?

Não o sabemos.

Está-nos, porém, parecendo que ha ali mais do que amisade. A attitude d'elle falla-nos vagamente d'amor correspondido com outro amor do mesmo quilate, deixa-nos entrever sentimentos mais enthusiasticos que uma simples affeição fraterna.

Aquellas duas creaturas adoram-se; são talvez noivos, e vão separar-se. D'ahi, a profunda tristeza que se reflecte do rosto d'ella, e a troca d'aquellas flores que symbolisarão, na ausencia, a inextinguivel saudade d'ambos.

COM A LUNETA DO PAE

Fizeram do pequeno uma caricatura, dando-lhe o aspecto d'um juiz severo e carrancudo.

Em todo o caso, atravez do crystal da luneta paterna, apparecem-nos dois formosos olhos pretos e brilhantes, muito buliçosos e muito vivos, revelando frescuras de *bebé*, scintillando como alvoradas de primavera.

Por baixo d'aquelles vidros enormes sorri um rostosinho d'anjo, que desafia beijos e caricias.

UMA ELEGANTE

Poderiamos antes chamar-lhe uma *coquette*, pelo desvanecimento do sorriso, pelos arrebiques do traje, por aquelle arregaçar suave do vestido, que deixa ver um delicioso pésinho *cambré* e umas alvuras de saia verdadeiramente tentadoras.

Quem gosa tudo aquillo em primeira mão é o patife do gato, um libertino, que anda pelos telhados cantando poemas ao frio janeiro, e que depois vae enxovalhar com as patas a seda perfumada da vistosa *toilette*.

Mas a dona acha-lhe graçinha; consente que elle lhe agatanhe o vestido, e diverte-se com os pulos do bichano, tendo talvez muitas outras coisas bem melhores com que possa divertir-se. Mau gosto!

UMA ENTREVISTA

Os trajes dos dois amantes denunciam plena edade media. Elle é um cavalleiro fidalgo, muito garboso e gentil, de durindana ao lado e chapeu de plumas ondeantes. Ella uma castellã adocicada e terna, de cabellos soltos e braço roliço.

Fallam-se todos os dias á mesma hora, pelo cair da tarde. Nem um nem outro se atreveram ainda a transpor a linha de respeito, marcada pela cancella da herdade, uma cancella fraquissima, constituida por dois ou tres pequeninos troncos d'arvore.

Respeitam as conveniencias.

Todavia, se o cão vigilante alguma vez não denunciar, com os seus latidos, a approximação de qualquer intruso, é provavel que o nosso bello fidalguinho se arrisque a transpôr a linha fatal.

Aquelles platonismos fatigam.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Errata do problema do n.º 23:

Na linha 8, onde se lê o numero de objectos, leia-se o producto dos numeros de objectos.

CHARADAS

NOVISSIMAS

No mar este appellido é uma planta—1—1.

Gira, bebe-se e come-se—2—1.

Esta doente estava alegre no hospital—3—2.

FANTOCHE.

No homem é a primeira prisão—1—1.

No mar e na terra é inflammavel—2—1.

Este homem no sertão não chorava esta fabrica—1—2—2.

Cartaxo. TITO.

No meio do anno é burlesco—2—1.

Dá vida no nariz este homem—1—2.

ZIG-ZAG.

ELECTRICA

Ás direitas ou ás avéssas animal—3.

FANTOCHE.

DECAPITADA

O *Pimpão* teve—porque o mar—e se o capitão não entôa a-em oração, ja hoje se não—porque o *Pimpão*—de certo—piqu

Santarem. WILLIAMS.

EM QUADRO

. . . . Animal
. . . . Destro
. . . . Destroe
. . . . Cheira

Elvas. ODRACIR SLUDRAM.

QUEBRA-CABEÇAS

Arranjar sete palavras, cujas iniciaes formem uma planta cujas finaes formem outra.

ASCOT.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Cravoária—Favorecedor—Leccionario—Fel—Simas—Perpetua—Regoa—Aba—Atlas—*Naratha*, *Amalia*, *V*... *ras Atas, Los Hs, A*—Moncorvo—Capacidade—*Phantasma*, *T*... *queiro*, *Maroto*—Menosprezo.

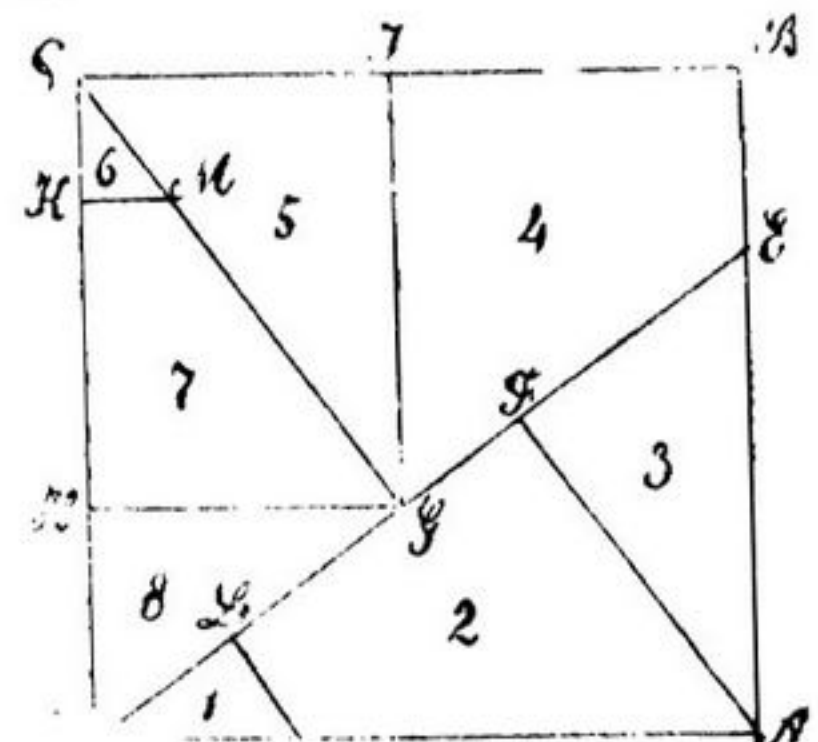
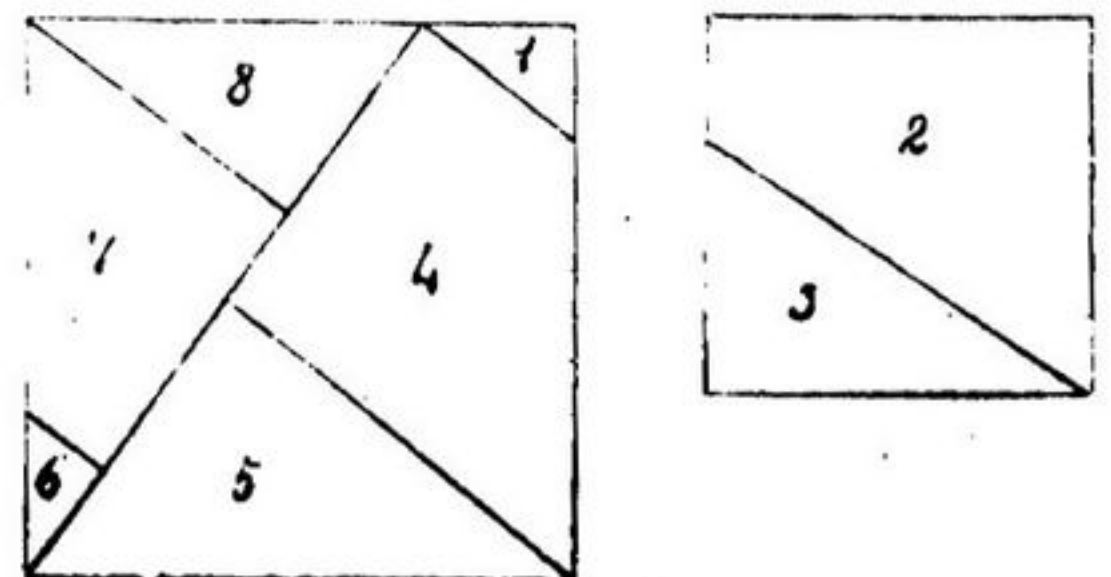
DOS QUEBRA-CABEÇAS:—Curiosidade—Imprimir.

DOS LOGOGRIPHOS:—Bartholomeu—Jacyntho.

DO ENIGMA PITTORESCO:

Mais que rei pode ser e mais que papa,
Quem de seu coração vicios dessepa.

(VIEIRA).

DO PROBLEMA:

A E é egual a metade da diagonal; F L=G M=A F.

UM CONSELHO POR SEMANA.

N'esta fria estação, em que as tosses seccas e nervosas são muito frequentes, aconselharemos, a quem as tiver, o cosimento de cascas d'amendoas doces, como antispasmodico.

Pode juntar-se-lhe uma pequena porção de folhas de loendro, mas com grande prudencia.

POR BEM FAZER...

As walsas succediam-se quasi sem interrupção: os pares enlaçados gyravam em uma ronda aeria, embalados pelo rythmo sensual e perturbante da musica de Metra. Aspirava-se no ar, afogado na luz branca e macia dos lustres, um cheiro quente e doce de espaduas nuas e de violetas orvalhadas.

Mulheres elegantes, de uma espiritualisante distincção de maneiras, passavam ao longo das salas, pousando o braço, premido na luva branca, no braço dos homens, correctos e fleugmaticos na linha harmonica da casaca, estrellada de uma pequenina flôr balsamica.

Começára a grande animação do baile, um baile de subscripção, organisado pela alta sociedade a beneficio da infima pobreza.

Pelas escadas atapetadas, guarnecidas de arbustos, ladeadas de estatuetas, segurando globos foscos, d'onde escorria uma onda de luz argentea, de uma alvura lactea, subiam formosas mulheres resplandecentes de pedrarias, estendendo nos degraus as caudas dos vestidos, cobertas de uma fina nuvem de tulle e rendas, picadas de pequeninos bouquets do matiz indefinido e vago, adoptado pela moda.

Henrique Jorge, um poeta vibrante de fina sensibilidade parnaseana, um lyrico educado na velha escola do devaneio, a quem se poderia applicar o célebre verso de Alfredo de Musset: *«Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux»* isolava-se dos grupos, retrahindo-se aos contactos da multidão, absorto na contemplação extatica de uma mulher constellada de grossos diamantes, que ria, escondendo a bocca rosada e ironica nas plumas do leque, absorvendo-se no futil passatempo de dialogar galantes banalidades com um addido de embaixada.

Margarida de Castro, uma formosa viuva de trinta annos, rica, espirituosa, gostando de coquetear e de fazer valer o fascinador relevo da sua plastica hellenica, e equilibrando impunemente a sua provocante garridice na base solida dos contos de réis que lhe legára o marido, era a musa de Henrique Jorge.

Tinham-se encontrado uma manhã em Cintra, na sala do hotel Victor. Henrique sentiu-se logo possuido pela sensual belleza da sereia; amou-a doidamente e cantou-a no rythmo musical da sua poesia luminosa e casta.

Margarida de Castro acceitava os versos, desvanecia-se com o seu ideal papel de musa inspiradora, atirava nos bailes e nos theatros finos sorrisos discretos ao seu poeta, que a fitava, abandonando-se nos *fauteuils* das platéas e nas hombreiras das portas ao religioso enlevo dos fetichistas; mas nos theatros, nos bailes, nos passeios continuava a deixar-se thurificar por uma legião de admiradores convictos, deslumbrados pelo fulgor dos bellos olhos e dos magnificos diamantes da viuva, dispostos, em caso de necessidade, a ajoelharem aos seus pés e a descalçarem-lhe o sapatinho de setim, como os bispos fizeram á Pompadour.

N'aquella noite, Henrique Jorge conseguiu a realidade tangivel da sua constante aspiração:—ser apresentado a Margarida de Castro.

Ella recebeu-o risonha, um grande ar olympico, e estendeu-lhe a mão como as antigas fadas estendiam a *baguette*.

Elle apertou-lh'a, curvo, pallido, tremente, enleado na profunda timidez do amor verdadeiro, que se retrahe á brutal desfloração das phrases convencionaes e que precisa ser retribuido para ser comprehendido.

Margarida percebeu que tinha diante de si essa cousa excentrica e vagamente irrisoria, que se chama um apaixonado: mas achou Henrique Jorge acanhado, contrafeito, desastrado e notou que a casaca do poeta exhibia um feitio archaico, que destoava horrivelmente ao lado das irreprehensiveis casacas dos diplomatas, dos leões do *sport*, seus admiradores.

Um subtil desdem encrespou-lhe os labios, quando elle lhe disse a meia voz, com uma commoção quasi dolorosa, que a adorava.

N'essa occasião, entrava na sala do baile Esther de Menezes, uma rapariga divorciada do marido, que tinha uma lenda escandalosa, exacerbada pela falta do ouro indispensavel a obliterar a nodoa.

Esther atravessou a sala cabisbaixa, absorta em uma melancolia que lhe annuviava os formosos olhos verde, de um brilho metallico e transparente.

Acabára de ver na extremidade da sala o homem que amava e por quem se perdera, assentado ao lado da sua nova amante.

Um surdo rumor correu na sala, provocado pela inesperada apparição da peccadora.

As esposas arrancaram-se ao delicioso colloquio com os seus admiradores, mancebos de sapato de bico e luva branca bordada a preto, e sollicitaram o amparo do braço conjugal, afastando-se indignadas.

As meninas, reunidas em grupo, cochichavam, rindo-se por detraz dos leques, onde tinham escondido a carta de namoro.

Os homens, esboçando gestos pudibundos, recuavam para as mezas do jogo, onde formavam em columna cerrada, deliberando sobre a gravidade do caso: o barão ***, amante da mulher de um conselheiro, deixou mesmo perceber a necessidade de se abrir um exemplo, expulsando-se a adultera.

A musica emmudeceu: as luzes pareceram desmaiar nos seus globos brancos, como grandes fructos leitosos.

Esther, corrida de vergonha, tremula, humilhada, ficou só na sala.

Margarida de Castro, rodeada dos seus fieis, commentava *a inconveniencia da creatura*, com phrases de uma crueldade desprezadora.

Então, Henrique Jorge, não podendo sofrear os impetos do seu generoso coração, dirigiu-se ao encontro da banida e offereceu-lhe o braço.

*

Dois annos depois, por uma bella manhã do mez de setembro, Margarida de Castro recebia esta carta:

«Henrique Jorge atraiçoa-a: Henrique Jorge não é digno do amor que, segundo se affirma, conseguiu afinal inspirar-lhe. A despeito da paixão que o encadeia aos seus pés, o poeta ama outra mulher. Se quer adquirir a prova, espere-o amanhã na casa de que lhe envio a chave, rua ***, n.º ***: verá e julgará.

Um amigo, Y.»

A curiosidade de Eva, que se transmittiu, mais ou menos, a todas as suas descendentes, triumphou dos escrupulos da viuva.

Em um mysterioso *boudoir* capitonado de setim azul, guarnecido de espelhos de Veneza, de contadores de laca, de armarios de Boule; adornado de Sèvres e de Saxes, reluzente de crystaes, de setins e rendas, Henrique Jorge conversava, assentado em um puff de seda chineza, reclinando a cabeça pensativa, coroada de uma floresta de cabellos annelados, como a cabeça de Richepin, nos joelhos de uma mulher admiravelmente bella, cujas formas esculpturaes se desenhavam, modeladas por um penteador de velludo escarlate.

O poeta recitava: ella ouvia-o absorta, correndo-lhe o cabello com a mão branca e esguia, onde os diamantes punham a sua phosphorescencia electrica.

Margarida de Castro, occulta nas dobras de um reposteiro, tremia de raiva... e de amor. Pela primeira vez descobrira que amava o homem que a estava atraiçoando, o homem que ella torturara por espaço de dois annos, dando-lhe em espectaculo a sua insaciavel garridice, escarnecendo-lhe a ardente paixão, esmagando sob as solas dos seus sapatinhos de baile o orgulho, a dignidade, o coração do desgraçado. Reconhecera na sua rival Esther de Menezes, a opulenta e altiva condessa ***, elevada, em virtude do casamento com um titular francez, a posição culminante, onde ella se ria d'aquelles que lhe beijavam os pés, esquecidos do fatal dia em que planearam apedrejar-lhe a cabeça.

Um mez depois, Henrique Jorge casava com Margarida de Castro, que lhe cahira nos braços, palpitante de amor.

Esther de Menezes saldara a sua divida, architectando e representando, em collaboração com o poeta, um pequeno drama, cuja moralidade lavrou o desmenti-lo do ilogico proverbio:

«Por bem fazer...»

GUIOMAR TORREZÃO.

CONTOS DO NATAL

O DIA DE S. SILVESTRE

Fazia um frio intenso, e era já quasi noite escura, a ultima noite do anno.

Sob este frio horrivel e n'esta noite negra, uma pobre creancinha vagava pelas ruas da cidade, com os cabellos soltos á brisa gelada, e os pés descalços.

Ao sair de casa trazia sapatos, mas de que podiam elles servir-lhe? Usara-os a mãe durante muito tempo, antes de morrer; eram enormes e estavam esboracados. A creança perdeu-os atravessando rapidamente o Chiado, com medo de ser esmagada por uma carruagem de praça que passava. Ficou descalça, patinando na lama com os seus pésinhos roxos de frio.

Levava, enfiado no braço, um cabaz com caixas de phosphoros. D'antes vendera violetas, que apanhava pelos campos. Offerecia-as aos transeuntes, sorrindo, a troco do que quizessem dar-lhe. A infeliz morria do inverno, offerecendo a primavera!

Mas as violetas tinham gelado sob a neve. Era-lhe preciso ga-

nhar o pão. Como não havia já flores para vender, e o frio era grande, pensára em vender phosphoros.

Durante todo o dia ninguem lhe tinha comprado uma só caixa. Não ganhára cinco réis sequer.

Tiritando de frio e estalando de fome, arrastava-se de rua em rua, pobre pequenina imagem da miseria.

Os flocos de neve cobriam os seus compridos cabellos loiros.

No penoso trajecto via, atravez as janellas, quasi todas as casas illuminadas interiormente, uma illuminação de festa. Lá de dentro exhalava-se um perfume delicioso d'aves assadas.

UMA ENTREVISTA (Quadro de Robert Assmus)

N'um angulo formado por dois grandes predios, a pequenita parou e assentou-se, escondendo os pés sob a pobre saia de chita preta remendada.

A neve continuava a cahir.

Se voltasse para casa, sem ter ganho cousa alguma, o pae batia-lhe, de certo. Depois, lá tambem fazia muito frio; não havia pão nem conforto. Por leito davam-lhe um montão de palha humida e infecta.

As suas pequeninas mãos, cheias de frieiras, tinham inchado espantosamente.

Um phosphoro dar-lhe-ia talvez calor... Se ella podesse tirar um da caixa, accendel-o na parede e aquecer os dedos...

Muito delicadamente accendeu um. Como era bonito! Tinha a chamma clara e quente como a d'uma vella de cera.

Ao clarão da pequenina luz, tão brilhante, viu desfillar mil sonhos côr de rosa. O phosphoro tinha um poder magico.

Parecia-lhe estar assentada diante d'uma grande brazeira... O lume brilhava intensamente, e aquecia-a muito, muito. A infeliz estendera os pés para receberem o doce calor do fogo; mas a chamma apagou-se, a brazeira desappareceu, e nas suas mãos tremulas ficaram os restos do phosphoro encantado.

*

Accendeu um segundo. O reflexo cahiu sobre a parede, que se tornou transparente como um veu. A pobre creança poude então ver o interior da casa. Sobre uma grande mesa estava estendida uma toalha alvissima como a neve; e em cima da toalha via-se um serviço de porcelana reluzente. Ao meio da mesa destacava-se um grande perú recheiado. A ave saltou da travessa para o chão, com o trinchador cravado no peito, e approximou-se d'ella, aos pulos. A creancinha estendeu a mão, ia agarral-a... mas o phosphoro apagou-se. Só ficou, diante de si, a grande parede humida e fria.

Accendeu um terceiro. D'esta vez imaginou-se debaixo d'uma arvore de Natal formosissima, maior que todas quantas vira atravez as *vitrines* das confeitarias. Milhares de vellas brilhavam sobre os seus ramos verdes. Imagens coloridas olhavam-a sorrindo.

A pequenita estendeu as mãos rosadas e transparentes por sobre a luz. O phosphoro apagou-se ainda.

As vellas da arvore do Natal foram subindo lentamente, muito alto, muito... Appareciam-lhe já como estrellas do ceu. Uma d'essas estrellinhas brilhantes cahiu, deixando um rastro de luz no espaço.

«Foi alguem que morreu» balbuciou a innocente. Sua mãe, unica pessoa que a amára no mundo, dissera-lhe que quando cae uma estrella sobe ao ceu uma alma.

Accendeu ainda um outro phosphoro na parede. Fez-se uma grande claridade, no meio da qual julgou ver a mãe a sorrir-lhe.

—Mamã, leva-me! bradou a desgraçada. Quando o meu phosphoro se apagar, sei que desapparecerás como a brazeira e como a arvore de Natal; leva-me comtigo!...

Accendeu um a um todos os phosphoros que levava em pequeninas caixas coloridas. Não queria que a santa imagem da mãe lhe fugisse.

Os phosphoros brilhavam com uma intensidade espantosa. Nunca o rosto materno lhe parecera em vida tão formoso. A mãe suspendeu a filha nos braços, e ambas voaram para muito alto, onde não havia nem frio, nem fome, nem angustias crueis.

Estavam no seio de Deus........

....

Ao canto dos dois predios, apoiada contra a parede, a pobresinha morreu, gelada e faminta, na ultima noite de dezembro. Acabou sorrindo.

O sol do novo anno ergueu-se sobre a pequenina morta.

A creança estava lá, com os membros hirtos e rigidos, tendo junto de si as caixas de phosphoros vazias.

—Quiz aquecer-se e queimou-os, diziam todos.

Mas ninguem soube o que Deus lhe permittira ver, e em que mundos resplendentes começára, junto da mãe estremecida, o anno mais feliz da sua existencia até ali tão miseravel.

MITAINE DE SEDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA